



GRUPO DE ESTUDOS INDÍGENAS EM FRAIBURGO: Ancestralidade, cultura e territorialidade

Autores: Nathalia Recalcatti CRESTANI¹, Thamiris Fátima dos SANTOS², Vanderlei Cristiano JURASKI³.

Identificação autores: ¹ Bolsista do IFC – *Campus* Fraiburgo, Turma 2016.1B, aluna do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFC – *Campus* Fraiburgo. ² Colaboradora do projeto, turma 2016.1B, aluna do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFC – *Campus* Fraiburgo ³ Professor Orientador IFC – *Campus* Fraiburgo.

RESUMO

O Grupo de Estudos Indígenas em Fraiburgo: ancestralidade, cultura e territorialidade, formado pelos docentes do Instituto Federal Catarinense – *Campus* Fraiburgo, bolsista, alunos, membros da comunidade escolar e externa, teve suas atividades pontuadas pela coleta de informações, sistematização e interpretação dos dados, discussão e divulgação do estudo. A socialização dos resultados foi viabilizada pela produção de uma cartilha on-line ilustrada para adolescentes da rede municipal de ensino. A relevância dessa ação, então, consiste no fato de, primeiramente, disponibilizar um espaço para reflexão sobre a causa indígena, bem como o (re)conhecimento das etnias presentes no município.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este projeto de extensão foi desenvolvido entre os anos de 2016/ 2017 e contou com o apoio do Instituto Federal Catarinense – *campus* Fraiburgo.

Devido a percepção de que a história oficial é incapaz de abarcar todas as vivências humanas, bem como a necessidade de investigar, debater e divulgar o conhecimento produzido dentro do ambiente escolar, foi concebido um Grupo de Estudos que teve como objetivo problematizar o espaço social do indígena em Fraiburgo/SC. Esta proposta abrangeu conceitos como ancestralidade, cultura e territorialidade dos povos nativos presentes na região.

METODOLOGIA

O Grupo de Estudos composto por professores, alunos, bolsista, membros da comunidade escolar e demais interessados na temática, realizou encontros nos anos de 2016 e 2017 para leituras e debates sobre livros e artigos pertinentes ao tema. As principais obras discutidas estão indicadas nas referências.



Durante o projeto, ocorreram oficinas de capacitação em História Oral para docentes da rede pública estadual, municipal e alunos. Nesses encontros foram abordados problemas, tais como os principais tipos de fontes, a importância da técnica e como ela pode diversificar as perspectivas sobre o saber histórico.

Além disso, como forma de divulgação do conhecimento produzido, foi elaborada uma cartilha ilustrada – na forma digital – para disponibilização às escolas públicas do município, especialmente para os alunos do Ensino Fundamental Anos Finais, visando assim desconstruir o senso comum, no qual a imagem mítica do indígena, substitui o sujeito real.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos estudos realizados identificou-se a presença dos povos guaranis, xoklengs e kaingangs na região sul do Brasil, em especial, no Contestado. Segundo Thomé (2010), os guaranis habitavam, principalmente, áreas baixas, evitando o frio intenso. Ao contrário deles, os xoklengs e os kaingangs, conhecidos como jês do sul, permaneciam em locais altos.

Uma das formas encontradas pelos arqueólogos brasileiros para calcular a ancestralidade, bem como o território ocupado por tribos indígenas é a partir das chamadas tradições ceramistas. Em se tratando dos jês do sul, pode-se destacar a tradição “Itararé, Casa de Pedra e Taquara”. Cada uma delas apresenta variações estéticas e funcionais referentes a cultura material. Contudo, definições que considerem esta instituição são questionados por vários autores.

a utilização desse conjunto teórico no Brasil no processo de seleção e classificação dos achados arqueológicos é recheada de problemas, pois foi descolada do corpo teórico do qual se originou, o que acabou por tornar as “fases” e “tradições” [conceitos adotados pelo PRONAPA] as finalidades últimas dos trabalhos de arqueólogos brasileiros. Nos Estados Unidos, local da fundação desta perspectiva teórica, era apenas uma etapa no processo de pesquisa arqueológica, o que acabou por gerar um conhecimento superficial das primeiras populações que migraram para o sul do Brasil (SANTOS, 2014, p. 29).



Durante muito tempo, imaginou-se que kaingangs e xoklengs integrassem a mesma etnia, com base na análise de registros arqueológicos e na interpretação das “fases” e “tradições”. Depois de “claros materiais linguísticos, sociológicos e antropológicos” (SANTOS, 2014, p. 34) distinguiu-se essas duas tribos indígenas.

Considerando essas questões preliminares sobre a estigmatização social e limites da teoria envolvendo a investigação de vestígios materiais, inaugura-se a reflexão em torno da presença de indígenas na região centro-oeste catarinense. Logo observa-se que, segundo Thomé (2010) e o Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú (1944), Fraiburgo está na fronteira da ocupação tradicional kaingang/xokleng e no limite teórico de distinção da cultura material dessas duas tribos.

Apesar das dúvidas que pairam sobre qual etnia indígena iniciou a povoação das terras, atualmente pertencentes a Fraiburgo, afirma-se que a presença humana é primitiva. Segundo Thomé (2010), existem registros arqueológicos de aproximadamente 10 mil anos.

Há vários indícios sobre a ancestralidade da ocupação indígena em Fraiburgo. As estruturas subterrâneas utilizadas pelos nativos para abrigar-se são um exemplo disto. Cita-se o “Parecer sobre sítios arqueológicos localizados no ‘Parque Floresta Renê Frey’ (Fraiburgo/SC)”. Segundo esse documento, existem quatro casas subterrâneas reconhecidas pelo IPHAN a pedido da empresa Renar Maçãs S/A e um aterro no local. Para Reis (2011, p.11),

As quatro estruturas subterrâneas foram registradas em 1991, no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico (IPHAN), pelo arqueólogo Rossano Lopes Bastos, na forma do artigo 109, inciso I da Constituição Federal (IPHAN, 2006). Para fins de cadastramento, foram nomeados respectivamente de Parque Renar I (CNSA SC 00400); Parque Renar II (CNSA SC 00401); Parque Renar III (CNSA SC 00402); Parque Renar IV (CNSA SC 00403) (IPHAN, 1991). O aterro, por sua vez, foi localizado por Maria Madalena Velho Amaral, pesquisadora colaboradora do Setor de Arqueologia do Museu Universitário da UFSC, em 2009, estando em tramitação seu pedido de registro junto ao IPHAN, sob a denominação de “Parque Renar VI”.

As casas subterrâneas são comuns no Brasil Meridional e indicam a existência de povos jês do sul. “Foram registrados sítios com apenas uma dessas casas, como unidades isoladas, ou em aglomerados formando conjuntos de 2 a 68 estruturas, com maior frequência de sítios de 1 a 3 unidades” (REIS, 2011, p. 12), bem como materiais líticos.

Segundo Reis (2011, p. 13), quando da combinação de aterros (túmulos) e casas subterrâneas, nota-se um “conjunto de até 12 unidades, havendo maior incidência entre 1 e 2 aterros por sítio. Quanto às dimensões, foram registrados aterros desde 1 até 22 m de diâmetro, com maior frequência em torno de 3m”.

Em 2009, um grupo de indígenas deslocou-se até Fraiburgo e acampou nas proximidades de uma fazenda no bairro Liberata. Após o acidente envolvendo um caminhão desgovernado e crianças, o “acampamento formado por cerca de 60 indígenas, acaba sendo transferido para uma segunda propriedade que pertence a uma empresa chamada Renar Maçãs” (SANTOS, 2014, p. 16) – aquela que havia solicitado ao IPHAN o reconhecimento de estruturas subterrâneas.

Santos (2014) analisou em sua pesquisa o movimento do grupo indígena liderado por João Eufrásio e João Claudino, que saindo da reserva indígena de Nonoai no Rio Grande do Sul, desloca-se para Fraiburgo. Os argumentos que respaldam essa ação baseiam-se na tradição oral. João Eufrásio conta, em entrevista realizada pelo pesquisador, que o seu avô saiu da localidade em tempos de guerra para Nonoai, onde permaneceu até a morte. Com o crescimento populacional na reserva indígena, o atual cacique kaingang – João Eufrásio – decide retornar a Fraiburgo. Ali encontram vestígios materiais que comprovam a hipótese levantada: as casas subterrâneas.

Depois de uma disputa judicial, os indígenas foram obrigados à retirar-se das terras que ocupavam no Parque Renê Frey. Alguns retornaram para o Rio Grande do Sul, outros permaneceram na cidade morando de aluguel

A Súmula vinculante nº 650 do Supremo Tribunal Federal diz que os indígenas têm direito à terra desde que presentes naquele local na data da promulgação da Constituição, 05 de outubro de 1988, ou, que por algum motivo comprovado tenha se retirado da área contra sua vontade. Essa hipótese poderia ser comprovada pela existência de processos judiciais cujo objeto seja a desapropriação da terra.



A defesa jurídica dos povos indígenas não é objeto desse projeto, contudo, torna-se relevante explicitar que o processo de colonização da região é recente, data do início do século XX, a partir da criação de colônias de imigrantes. Por ser uma região de ocupação tardia é evidente que os conflitos agrários persistam e na data da Constituição brasileira tenham se mantido latentes, mesmo que não traduzidos em processos judiciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão cumpriu com seus objetivos, uma vez que identificou os indígenas presentes em Fraiburgo, mapeou seu universo cultural e definiu a ancestralidade da ocupação. A partir da interpretação da cultura material registrada na região foi possível concluir que o centro-oeste catarinense era o limite entre os territórios de xoklengs e kaingangs.

A intervenção junto às escolas públicas do município, seja com a oferta das Oficinas de História Oral, seja com a produção e disponibilização online da cartilha ilustrada mostrou-se relevante, uma vez que pode-se diagnosticar a carência de fontes de pesquisa sobre o conteúdo: indígenas em Fraiburgo, e abrir um canal de discussão sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Clovis Antonio. OLIVEIRA, Osmarina de. *Relatório Etno-Histórico da Presença Kaingang em Fraiburgo Santa Catarina*. Florianópolis/SC , 2010.

THOMÉ, Nilson. *Os índios no espaço livre do Contestado*. Caçador/SC: ed. Nilson Thomé, 2010.

REIS, Maria José. *Parecer sobre sítios arqueológicos localizados no “Parque Renê Frey” (Fraiburgo/SC)*. Florianópolis/SC, 2011.

SANTOS, Rafael Benassi dos. *A luta indígena pela terra no Brasil contemporâneo: um estudo etnohistórico de uma ocupação Kaingáng em Fraiburgo – SC*. Florianópolis/SC: UFSC, 2014.

VALENTINI, Delmir José. *Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a Guerra da região do Contestado (1906-1916)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Núncia Santoro de Constantino. Porto Alegre, 2009.

